



## Aprendiz na proa

Rogério Zola Santiago<sup>1</sup>

O olho do homem é mais que  
uma pena de vida,  
olhar apenas é a função  
ressentida do dono do olhar.

Mangues e cães bravios  
cúmplices da mais branda  
coisa de ilha e possante pássaro.

Não quis frutos na terra do trovão.  
Só mangue-cheiro,  
escrita atrapalhada –

---

<sup>1</sup> rogeriozola@ig.com.br



feira em que  
o olho do homem é tudo.



## Pinóquio

Os poetas brasileiros morrem velhos  
solitários moradores beira-mar  
distantes da terra natal  
preferencialmente em “apê” copa-longínquo  
com janela voltada para o Horizonte.

No Brasil,  
os bons morrem sozinhos  
beira-mar bem longe  
da terra onde nasceram -  
de preferência em Copacabana.

Mas Copacabana é poluída na  
década em que morro jovem,  
em cada palavra escorrida,

morro sem a desdita da  
janela voltada para

“a terra em que nasceste” -

Verto sobre outra janela  
(cerrada)  
a sorrateira  
imagem dos poetas que  
ficaram

não tão bons -  
mas presos  
à armadilha  
da montanha farta

de si  
do outro  
do opcional  
desvio de meta  
rumo ao verde-fluido.



Para Lucas

O que Fábio chamou de metafísico  
é minha aborígene intuição de  
Deus para quem não rezo apenas engulo  
diário seu bocado brando de  
uma certeza inaudita reconfortante  
aconselhadora e calma.



## Imperfeição

Se fixo o olhar

vômito certo  
embaraça  
(grávido)  
o tolo viajante  
perante donzelas paulistas.

Mineiro no mar é isso:  
na pista, faces e desfases,  
mulheres mistas  
de queixume, desejo e sol a pino.

Se fixo olhar  
tonteio o cais  
redondo  
queimado  
auto-perecível  
armadilha de mijo  
em muro improvisado.



Propina

Não fujo à traquina.  
Menino gordo quer  
pão de sal roubado

na padaria da  
revelação de preços.

“Põe na conta do danado” –  
ele costumava dizer, descompensado entre  
amar e pagar.

Não fujo dos refugos.  
Ao longo da pista, corro em sandálias e juventude  
nada eterna na esquina de picolés  
e sustos acobertados pela menina cúmplice -  
saiote apimentado no morno sol.

“Como é bela a juventude!”, cantava  
para a velha ouvir e descia, displicente saltitar descalço  
de sete anos. Da esquina ela ficaria em dardos de suspense,  
rosto carcomido  
de vida,

meu irrefutar espelho adulto  
a germinar posteridade em arregalados olhos  
*de profundis.*



## Desvelamento

Um assunto submerso  
na fúria inóspita  
do engole  
pedra impede a

onda que paira e pare  
paira e pare  
refugio desdita refresco e córnea

única certeza  
de chicles de malta  
e menta grudados  
sob a escrivaninha  
no Colégio outonal,  
mentiras orvalhadas  
de memorança.

Saber-se absorto  
e vivaz  
aure-bólido de amor  
queima-luz  
refeitório de pequenos traçados.

Que estória contarei?  
Furioso o mar –  
sem opção  
ele briga  
pelo espaço sobre a pedra.

Meu sopro é fúlgido  
hino engolido  
- abrigo de contar-te,  
canto vespertino,  
que a pressa é inútil.



Mãe

O metafísico  
no compasso da espera  
compra caderno  
e se usufruta,

pouco se lhe resta  
sobre o lençol estendido  
na casa silenciosa.

(Os ladrões às costas  
dão-me o dorso;  
os ladrões à porta  
oferecem-me trocos e dedilham  
trinados esporádicos.).

As latrinas sobrepostas  
fazem salão de mulher  
tépida a rebrilhar vomífica  
a dor que de dentro se evade  
pede espaço e pula

dor que se recompõe  
em fezes brancas  
última seiva  
secando enganos e  
propondo toda e cada fagulha  
sobre o pequeno olhar -

*(Como dizer-te  
água de plástico,  
que me vou  
sem intento?).*





## Premência

Preparada a mesa  
sente-se-lhe o prato  
dileto dos críticos,

a pungência ressecada.

Não temo, desejo e almejo  
a morte selvagem  
na certeza do não ou do  
sim completos

síncope autofágica  
em barriga de ferrugem

olhar doce de palco  
comido pela traça  
almiscarada troça de encantamento  
sem a troca funesta da  
palavra recolhida  
à ostra.

As pedras são deliciosas  
cortantes remolhadas -  
eterno aviso.

Os parênteses por terra  
os sorrisos de soslaio  
voltados para o mar -  
cada velejada custa cinco,  
cada estocada, um açoite

de diamante espedaçado  
contra o véu da finitude.



## Reinações I

Da primeira vez fui pulando as pedras  
de lodo ao fundo após nadei  
sem medo por cima delas  
pedras - deslizo sobre elas

e chegada a margem surgem três  
areias de prata, rosa e ofício.

Todas as areias brasileiras pertencem  
ao povo, a despeito da posse registrada.

Monteiro Lobato  
já dizia “reinar é tudo na areia  
do Rei Povo.”

O pulso dos que já perderam tudo  
se oferece aos cata-ventos  
seu pudor vermelhifuga  
na calma das pradarias

selvagens e sem cortes.

## Reinações II



O mar espuma e es-vaga  
a trilha afunilada  
que leva o teor  
à cratera  
da hora última  
penúltima  
e sem fim.



Pólvora

As oferendas temperadas são  
desatinos sob o luar sujo -  
as gamelas foram rebatidas

sua postura ovípara  
(a dos homens)  
produz substitutos descartáveis.

Dor- quanto fluxo derramo dela  
quanto desespero embutido  
na imposição da forma

ser um só ser em poucas décadas  
que se acumulam  
e enterrar os mortos

em catapultas  
ego-místicas.

*Não me prepararam  
Para o absorto mergulho  
de enterrar a mãe.*

Estarei ilhado  
como pingo solto  
flutuo sobre/sobro/sóbrio  
no filó em Cid



dão-se as mãos  
e me apedrejo  
dão-se os tempos  
as carpideiras e

o filó em Cid  
gota pousi-forme  
sobre o tecido  
manufaturado  
para as especiais  
ocasiões de desterro.

Molha-me os pés, oceano,  
depois dê-me as sandálias

cujo nome o lábio prenuncia  
levando a cera e secando  
a lágrima anônima  
sobre o filó  
no corpo de Tio Cid.



Oração

Se me passarem a largo,

morro de denúncia  
encravada no diamante certo,

duas meninas magras se beijam  
na pedra dissoluta -

onde estará o vento?

E passarei a largo.

Morto, ela  
passará sem mim.

Rezei e consegui a graça  
de ir-me antes.



Passarinho

A devassidão do homem  
(e da mulher)  
perfazem o restante  
da crosta do planeta vendido.

Retira-me os cânceres, Judite,  
morta no Viaduto das Almas.

A pele se refaz réptil ressentido  
a alma decomposta se repõe noturna  
conquanto jovem:  
culpa, culpa, culpa-me  
cristandade decomposta  
leva-me lava-me  
deixa-me o olhar  
apenas  
em caixa de papelão furado.



## Escavação

Você que me odiou  
talvez consiga agora  
amar-me um pouco

e entrego para fazer dela o que quiseres  
a caixa de lata  
com minha coleção estratégica de figurinhas

(os objetos acompanham o corpo  
para a vida depois da morte,  
acreditavam os egípcios).

Séculos após  
escavações e sacerdotes  
em túmulo profanado  
Apercebem os potes intocados de especiarias.

Na lateral, ruído quase imperceptível - mas não,  
esgueira-se um filete ou  
uma centopéia de rachadura.





Falésia

Maremoto marimundo  
marisolto marnolento  
como a morte da tartaruga.

No liquefazer dos cataclismas,  
dançam o lagarto e o pelicano.

A proa se arrebita,  
a ante-proa deglute a onda  
espumarada,

- como são tolos os passageiros  
na reciclagem do precipício.



## Aquário

As lagostas batem de ré  
sua retaguarda colorida

antenas em bailado silencioso,  
na água do mar  
trazida para dentro da casa humana.

Vivem seis meses  
as prisioneiras  
que nos divertem  
batendo o leque e fazendo  
espirrar fartura e vida

sobre as mesas do restaurante.

A maior obra é aquela  
que não sabe de si  
nem seu criador  
que se basta em si

a natureza contundente  
do planeta cenário

que se basta a si  
balé de cor gigante.  
Será Deus? Será Silêncio?

Seremos parte da  
metáfora clandestina

insinuada em cada  
emoção visionária

de leque d'água, pedra  
ou baila de lagosta alegre  
sem perceber que se lhe  
esvai a vida?

### Juízo

Na diferenciação,



os bichos ganham em  
pureza e incapacidade de  
planejar lucro  
e acúmulo.

Devastador o mistério  
magnetizado,  
tornado ritmo

Avassaladora a  
interferência nas  
margens de lixo

da sociedade hipócrita,  
do rio desgastado,  
dos marés desvirginadas.



## Jogos de guerra

As crianças não aprendem a amar  
com a ferocidade dos vídeos

jogos de guerra. As crianças  
espancadas desaprendem a  
capacidade de amar (inata fosse)

com a volátil crustácea  
amabilidade dos *games*  
de loja sem perfume

riachos perfilados na  
cidadela diminuta  
do sonho liliputiano.



“Elasticidade”

A mordaca chama-se  
onze horas de trabalho  
por dia sete vezes  
sem descanso

“praia de brasileiro  
pobre é sal no chuveiro”,  
disse o vendedor -

e a velha da cocada  
nada diz: calada, nota  
no fim da praia  
que já se erguem  
os espigões.



## A centopéia

Depois que ela morrer,  
todas as mulheres do mundo  
serão minhas mães

como todo cacto será minha flor  
espalmada na pedra do charque  
sob o sol de maio.

(Para ver as arraias assassinas,  
basta olhar vaga a vaga onda  
vagamente ei-la e ei-la  
nadando sua pachorra -

a arraia e a tartaruga e outra forma  
em movimento e esfinge  
fingem uma que não vê a outra

contou-me em segredo a menina  
de quinze anos e orelhas abanadas.

Sem término,  
como muitas estórias,  
a água vida queima se quiser,  
mas encanta –  
e a arraia aferroa se quiser,  
Mas evolui estrela,  
E a tartaruga não faz nada.



Para Leda Zola Bahia

Quem fez a sereia de pedra em  
nado rotativo de dorso relevado  
contra a silhueta dos corais?

Todas serão minhas mulheres  
e a carícia de cada delas  
será meu leite,

a saliva de cada uma  
será meu apaziguar de espuma

e a brisa no colo da terra  
já poderá brincar comigo,

invertebrada  
em tom soprano

para quando formos múltiplos.



Missiva em forma de taça

Ninguém conta à avó  
que tantos e todos já se foram.

Assentada, ela recebe visitas  
como se os mortos evocados  
eternos fossem.

Na ausência das menções,  
nas falas acumuladas,  
Renilde foi a única  
que vi adulta  
e depois  
envelhecida  
parte de mim  
chamada vida,  
depois, morrer.

Ninguém pode quebrar  
o acordo tácito da  
não menção - porque será,  
porque seria?  
Para não entristecê-la?  
Não lhe falar  
de proximidade da própria partida?

Pois ninguém duvida  
e nem sabe da verdade refletida  
no perdãõ implícito  
na mentira de cada face.





## Elementos

Meu mergulho sem medo  
é o próprio medo  
em tentativa de exorcismo

abro os braços ao vento  
(há vários montes,  
ocupo um)  
e peço ao elemento que me opere.

Salva-me, excremento  
de ave desconhecida,  
intuído branco riscado de tinta  
no cobalto do revolto.

Somente sem medo  
ou com ele de mãos dadas  
seremos Deus e diremos adeus  
com ele ou sem ele de mãos dadas -

a amiga pedra me aniquila e  
alenta, sobre ela me aconchego morno  
da caloria resguardada,  
e reconstruo a trajetória  
da projeção máxima  
dentro fora  
fora dentro

e Tudo inexistente,  
calmaria,  
tudo ebule  
a esboçar-Se  
maroto,  
sabido conchavado  
com a verdade ostriférea.



Crepúsculo

Dispo-me e me coloco  
à disposição da pedra  
que antecede  
antevê a noite

prevendo  
precavendo estrelas

(micas diminutas  
incrustadas no milênio báltico)

mar báltico da  
ilha coberta de aves instintivas

delas ninguém saberá

a viagem do silêncio.



Costume

Para voltar abrirei os braços  
sobre o mangue fétido  
("seu cheiro é bom",  
o pescador insiste)

abrirei o mangue a pernas  
sobressaltando-me  
aos pés a cobra

de raro brilho  
pegando sol.

Ponho-me com ele  
(sol) se pondo e cerro  
a vista.

Cobra nefanda  
panda vela  
assobiadeira

Cecília veleira além do mangue

antes de

o sol se pôr definitivo.



Conjuntura

A mesma pita do jardim  
cresce aqui na multifacetada  
aurora praia brasileira  
mapeada litorânea de  
passagens proibidas.

No Jardim do Éden,  
a miscelânea crença  
vai cantar da utopia terráquea.



Cinelândia

Para quem não se arrefece  
a calidez do vinho  
ad-vinha a vinha

abre as mãos e os braços  
recebe no frontal regaço  
a tépida/lépida languidez marinha

adverte advém  
há de vir a cálida imagem  
de gosto maré

moto triste moto fé  
mar e boto.

Monto no  
bicho rosa-acinzentado  
para este desejo de passeio último

que coragem se me dá  
no galopeio -

inventem o túnel do tempo.



Solte-me de suas mãos,  
senão irás comigo.

Assim - livre  
vejo o túnel inventado  
para a redenção das lembranças –

sempre refeitório, o passado.

Os casarões  
os amigos em memoriais,

as homenagens perdidas.



Para Baptista Santiago

A página do avô em *Pensar* -  
Araújo e Lucas na  
registrada tácita ao futuro  
ou no resgate do andarilho?  
A “Draga” indo suave como  
nada quer  
e desejando  
fúria  
de crista.

Como arrebatam o sentido  
inexistente no  
receituário das árvores genealógicas?

Os velhos costumes e hábitos –

(para onde foram os instantâneos  
de Rogério  
e de Rosinha?)

Os quadros restaurados.

Na apresentação do parque,  
sob o olhar de Patrícia,  
Canários-da-terra  
lançam sobre nós os seus rabiscos.



Para Vovó Renilde

Não terei  
subitamente  
a quem mostrar  
os meus desenhos.

Ela se fora  
sem aviso,

deixando sobre a tábua  
uma cesta de morangos.





O soluço advém sortido  
na fumaça estúpida de um velho  
cujo menino  
retido pincela o espaço.



## Descida

Sobre o monte escolhido  
cai a armadilha da onda,

assustando a revoada.

Insistentes, voltam ao  
posto as asas brancas,

indecifráveis.

Um delineador de imagens  
insiste na pena sem  
escolha de si e dela -

retrata seu tempo  
benevolente  
ou sabido,  
perpetrante ou molhado.

Sobre o monte escolhido,  
as aves retornam à tarde  
no resgate do espaço  
depois de um dia,

marinha braçada de quase escuro.



## Conjecturas

Mesmo o pequeno bote deve ter âncora -  
há horas vaga sobre uma vaga apenas,

mas diminui o arquejamento:  
a âncora é de flutuar também,  
não apenas de alavanca parada -  
ou já foi suspensa?

O pequeno bote distancia  
como Raul - sua mãe, no cais,  
comparava seu destino ao porto  
das exéquias “raul, volta, filho, -  
mas aceita, mãe,  
melhor assim.

Ela deixa os braços envolverem  
o pai no porto das exéquias,

ele se esvai sorrindo, sem âncora.



Paragens

Ela me disse um dia  
como queria que tudo  
diferente  
tivesse sido

na varanda dos ladrilhos azuis  
- e me disse aquilo entre o beijo e a calma.

Partir é sempre partir  
não importa a gravidade  
do intervalo e o peso da mala,  
partir é sempre um exercitar de obséquios,

vitalício obséquio de descanso.



Ostracismo

Que selvagens os pássaros  
de bicos tortos  
e cores exuberantes -

*(não matar o vôo equestre  
não aliterar o vôo campestre  
espreitar de longe  
e deixar viver)*

que inexpugnáveis os cascos e as rupturas  
dos crustáceos (deglutimos a sua carne).

*...que se salvem as esfinges  
meias-falas de rochedo  
no pré-amar das costas negras  
do mamífero...*

que se perdoem os mutiladores  
ou que não sejam  
perdoados para que futuro haja:

cada asa tem direito  
cada ostra tem seu risco

deixa que se salvem.



Retorno

Sobre sandália negra  
e sem sentido

a roupagem do marujo  
é a tarde.





## Crustáceos

A postura dos iguais  
na água resumida  
anda lhes permite  
o bailado das antenas  
enfileiradas.

Os homens e as mulheres  
destilam a inconsciência  
da trajetória:

tudo se resume a  
um brinquedo  
vendido à palidez  
do submundo mediano  
que consome feiras esotéricas  
e mergulhos em  
piscinas de borracha.

Não ensinaram a lição  
do regresso ao jovem que  
perfura o tímpano -

o grito retumba genético

gerando fundura

acidez

e  
agito.





Comiseração

A coleção de remédios  
jorra suculenta na jarra de sucos -

vou pagar para partir mais cedo  
ou pagar para ficar mais um pouco.

O legado da quimera  
solidifica-se no olhar faminto  
além do Outro.



Para Carla Leandra Linhares

Não se atenha às análises sombrias -  
minha opção seria a vida  
criadora e fértil,

não fosse o exalado augúrio  
de natureza decomposta

que dá lugar à recomposição,  
a metade indecifrada do escaravelho  
- imagem do silêncio colorizado pela poesia -  
em caminhada com seu corpo  
indefinido e frágil.

A outra metade fica do lado  
que vê, lê, antena e antevê  
o mundo com chances de mudança -

outrossim já mortos estaríamos  
sem a possível festa do reverter.

A arte, a vida e a morte dão-se  
as mãos e as possibilidades.

Envelhecer  
(ver os que amo morrerem sem querer)  
é isso, amiga:  
experieço a caminhada  
a surpreender-me  
súbito e lúdico parte dela.



Sem título

Até quando não ainda descobrimos  
não éramos eternos?

A ilusão do veloz -  
alucinante desafio -  
tola pressidão.

O pobre e o bobo precisam do  
grito - o rico e o esperto  
precisam do grito - para  
continuar tudo tolo e pobre,

sejam pobres sejam ricos  
filosofia tola e pobre de  
mesa infrutífera, pós-  
modernidade intencionada.

Cada alavanca de moderno  
passa avassala a férrea  
estrada sobre o coronel sertão,

sem pedir licença de assento.



Guarda um segredo  
o que se espia cantando,  
  
cigarra sem fome.



Vovó Alice

Pratico o recorte  
colecionado.

De novo a imagem?

Revisitar é a única coerência  
da insistente busca.

Os recortes colecionados  
da publicação do avô  
podem aguardar anos até  
uma possível revisita.

Quando não formos mais,  
em busca de sereno

seremos.



Para Karla Maria Barbosa Miranda

*“...quase perdi a capacidade de chorar diante de algo maior que eu.”*

Onde aguarda o instante?

Aceitação pulsa enervada  
visão do diamante,  
falésia em ebulição.

Pequenez é desvario  
de inválidos sonhadores  
perante a incapacidade  
de chorar -

ante o maior que  
nossa possibilidade.

Fuga

A última vez em que vi o mar

ele surgiu da extensão  
denunciada na faixa  
da branca espuma.

O mar -

O súbito -

Apedrejado  
de lume



e totalidade,

iluminado apenas  
por sua *inner* luz -

ou um braço de farol  
que sobre ele se avassala.

\*

Rogério Zola Santiago, escrito em 1998  
Revisado pelo autor em 2008

Nota: *inner* = de dentro.